



# PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES GRUPAIS E A CONSTRUÇÃO DE REDES SOLIDÁRIAS DE CUIDADO NO SISTEMA PRISIONAL

Cassia Batista França, Jhonny Silva de Lima<sup>2</sup>, Nome do Coordenador<sup>10</sup>  
Maria.valquíria@professor.ufcg.edu.br

**Resumo:** O presente relato objetiva apresentar a experiência de implantação das PICs Grupais na Penitenciária feminina de Campina Grande (PB), com vistas a oferecer um espaço de escuta e ressignificação das experiências de sofrimento psíquico vivenciadas no cotidiano do cárcere. As ações foram fundamentadas a partir da orientação teórico-metodológica da educação popular, por meio de ferramentas participativas, como: Planejamento Participativo, Tenda do Conto, Terapia Comunitária, Danças Circulares e Teatro do Oprimido.

**Palavras-chaves:** Práticas Integrativas e Complementares, Presídio Feminino, Saúde Mental.

## 1. Introdução

As mulheres inseridas sistema prisional feminino, além de lidarem com os processos de mortificação e despersonalização do eu, próprios das instituições totais, que requerem a padronização dos sujeitos para melhor controlá-los, precisam lidar com uma série de problemas que comprometem a saúde física mental. Assim, a situação das mulheres em privação de liberdade apresenta mais especificidades em relação a outros estabelecimentos prisionais, haja vista que muitas das reeducandas, ao serem presas, deixam filhos sob os cuidados de outras pessoas e famílias em um contexto de vulnerabilidade, só para citar algumas questões que são peculiares a esse universo. Toda essa situação é provocadora de sofrimento psíquico nas internas, que necessitam buscar cotidianamente estratégias para lidar e/ou superar os dilemas do encarceramento. Nesse sentido, a presente proposta teve como objetivo implantar ações de acolhimento individual e coletivo, como as Práticas Integrativas e Complementares Grupais, a saber: Tenda do Conto, Terapia Comunitária, Círculo de Cultura, Danças Circulares e Teatro do Oprimido. Para tanto, o projeto foi desenvolvido a partir das seguintes etapas: 1) planejamento participativo; 2) oficina de formação dos discentes e colaboradores do projeto nas ferramentas de Práticas Integrativas e Complementares Grupais; 3) implantação e implementação das atividades de Práticas Integrativas e Complementares Grupais.

As Práticas Integrativas e Complementares Grupais, combinadas com o acolhimento individual, podem oportunizar às mulheres um espaço de escuta e ressignificação dos dilemas peculiares ao cotidiano do

cárcere, possibilitando a produção de saúde e vida e o fortalecimento dos vínculos afetivos, além da redução da medicalização autoritária dos corpos femininos, cuja consequência é a falta de autonomia das mulheres.

## 2. Metodologia

Os princípios metodológicos que orientaram a presente proposta foram fundamentados nos pressupostos da educação popular e, portanto, pautados na ação humana enquanto possibilidade de suscitar processos educativos dialógicos que favoreceram a capacidade criativa, crítica e reflexiva de todas as pessoas envolvidas no projeto [Nascimento, 2020]. Desse modo, a partir da troca de experiências, objetivamos estimular nas mulheres encarceradas a busca por alternativas para a minimização e/ou superação das experiências de sofrimento psíquico acarretadas pelo processo de institucionalização da prisão. Em termos operacionais, as ações extensionistas acontecerão a partir das seguintes etapas:

a) **planejamento participativo:** promoção de uma roda de conversa com as mulheres para apresentação e construção de vínculo de todos os participantes do projeto, estudantes e colaboradores, na perspectiva de planejar conjuntamente as ações da extensão;

b) **oficina de formação dos discentes e colaboradores do projeto nas ferramentas de Práticas Integrativas e Complementares Grupais em acolhimento individual:** organização de um curso de formação para toda a equipe envolvida nas ações de extensão, a fim de que todos se apropriem dos pressupostos teórico-metodológicos das ferramentas grupais que serão implantadas ao longo do projeto, tais como: tenda do conto, terapia comunitária, teatro, danças circulares, círculo de cultura, dentre outras;

c) **implantação das atividades de Práticas Integrativas e Complementares Grupais e acolhimento individual:** consistiu na realização de encontros semanais com as mulheres, cada um com duração de aproximadamente 02 (duas) horas, nos quais foram implementadas as PIC's Grupais: Tenda do Conto, Terapia Comunitária, Danças Circulares, Teatro do Oprimido, entre outras. Ressalta-se que a escolha das

ferramentas grupais desenvolvidas em cada encontro era realizada em razão das demandas e necessidades apontadas pelas mulheres no processo de avaliação contínua.

O projeto foi composto por 10 mulheres reeducandas da Penitenciária Feminina de Campina Grande (PB), entre 18 e 55 anos, com grau de escolaridade que varia entre não alfabetizadas, alfabetizadas, ensino fundamental I e II completos e educação superior. Antes de chegarem ao presídio, as referidas reeducandas estavam inseridas em ocupações, como: costureiras, artesãs, cantora, donas de casa, domésticas, cabeleireiras, manicures e trabalhadoras do comércio.

Sobre os motivos eu levei as mulheres à privação de liberdade, em torno de 90% está encarcerada em função de alguma vinculação com o tráfico de drogas.

Num universo de 70 mulheres viventes na Penitenciária Feminina de Campina Grande (PB), recebemos a autorização d instituição para trabalharmos, apenas, com 10 internas.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **O Planejamento participativo como Ferramenta para a Produção de Demandas**

O planejamento participativo tem como objetivo elaborar um plano de ação em que todas as pessoas sejam participantes e construtoras da realidade. Nesse sentido, devemos partir das necessidades e histórias das participnates, na perspectiva de elaborar um diagnóstico sobre a realidade dos grupos acompanhados. Significa, assim, planejar as ações de modo participativo, incluindo as atrizes envolvidas.

De início, introduzimos uma dinâmica de aquecimento, denominada de "Dinâmica do mosquito africano", a partir da disposição dos participantes em círculo, consiste em imaginar um mosquito na sala, o qual sobrevoa acima da cabeça das pessoas. As participantes que ladeiam o mosquito deveriam pegá-lo a partir do ato de bater palmas, enquanto quem possui o mosquito na cabeça se abaixa. Essa é uma dinâmica com objetivos corporais e motores, além de quebra-gelo, que possibilitou uma maior interação e cooperação entre as reeducandas.

A segunda dinâmica proposta como atividade principal foi a "Dinâmica da Mandala", que teve como objetivo um maior conhecimento e criação de vínculo entre as integrantes do grupo, através de perguntas disparadoras (Quem sou; de onde venho; como estou me sentindo agora). Colocamos uma mandala centralizada no chão da sala, juntamente com as perguntas, enquanto distribuímos papel e caneta para que as mulheres escrevessem suas respostas. Numa perspectiva inclusiva,

pois algumas participantes não eram alfabetizadas, pontuamos, também, que não havia necessidade de escrever e que poderiam se expressar por meio de outras linguagens, como o desenho e a fala.

Como um dos objetivos desse primeiro encontro consistiu em conhecer quem eram as mulheres, de onde vinham, o que faziam e o que pensavam sobre o seu contexto atual, observamos narrativas marcadas por potencialidades, como a arte, uma das integrantes é cantora e artesã - ressaltando que é o artesanato que lhe ajuda a mantê-la viva e ocupada naquele ambiente, ao passo que outras demonstraram ter um enorme apreço pela dança, música, literatura e culinária.

Por fim, coerente com a concepção do planejamento participativo, e imbuídos pelo desejo de partir das necessidades das próprias mulheres, apresentamos o desenho de uma árvore e sugerimos que colocassem no tronco as expectativas para as atividades subsequentes a serem realizadas. O grupo fez uma leitura mais geral do conteúdo apresentado pelas participantes, e chamaram a atenção para as temáticas mais recorrentes: necessidade de interação com pessoas para além das que convivem cotidianamente, troca de experiências, exercícios de respiração, propostas que estimulem a retomada dos estudos, entre outras.

O planejamento participativo proporcionou à equipe do projeto uma compreensão geral do cotidiano das mulheres, bem como apontou as principais demandas que vieram a nortear as futuras atividades. De acordo com Barbosa [2015] e Nascimento e Oliveira [2020], pensar ações sociocomunitárias não pode ser entendido como ato isolado ou puramente técnico. Constitui-se num convite à ação e ao aprendizado conjunto, possibilitando maior acesso ao poder decisório, com poderes compartilhados numa relação de horizontalidade.

#### **As Danças Circulares como expressão de outras linguagens do Corpo**

Em cada encontro, antes de iniciar as atividades, destinávamos um tempo para conversar com as mulheres. Era uma forma de compreender as peculiaridades do cotidiano e identificar as necessidades da semana para adaptarmos, caso necessário, o planejamento. Constituiu-se como um exercício de ação-reflexão-ação, recomendado por Freire [1996], com o intuito de analisar criticamente o andamento das ações e prever possíveis modificações.

Durante esse dia, propomos como atividade principal uma prática integrativa denominada dança circular, por meio de cirandas. Uma participante conhecia os passos da ciranda e iniciou a dança. Algumas integrantes ficaram tímidas, mas, aos poucos, entraram na roda. A segunda e a terceira ciranda foram de Lia de Itamaracá, cirandeira tradicional de PE. Dessa vez, todas participaram, algumas conheciam a letra da música cantaram, e nos momentos que o passo acelerava, ou quando trocávamos o sentido da ciranda, foram momentos de grande descontração. A 4ª ciranda dançada foi abraçar e agradecer, de Maria Bethânia. Antes de dar início, demonstramos como seriam os passos,

conversamos sobre importância do abraço, do agradecimento e companheirismo em situações difíceis.

Para finalizarmos o encontro, encerramos com a ciranda guiada pela música Menousis, que significa dança da vida, uma música mais calma, de caráter meditativo, que teve o intuito de relaxar o corpo e representar simbolicamente a integração corpo e alma. Após o término da dança, abrimos a roda para as mulheres colocarem as impressões sobre as atividades do dia.

Notamos que a preferência das mulheres pelas danças circulares, em especial as cirandas, que são parte de nossa cultura, são uma forma de expressão por meio de outras linguagens, em especial a do corpo. Para Boal [2009], “arte não é adorno, palavra não é absoluta, som não é ruído e as imagens falam, convencem e dominam. A estes três poderes- palavra, som e imagem – não podemos renunciar, sob pena de renunciarmos à nossa própria condição humana” (p. 17). Nesse sentido, o autor lembra que não existe apenas uma estética soberana para o pensamento e à qual devemos estar submetidos. Não é só com a palavra que se pensa! Pensamos sensivelmente, também, com os sons e as imagens (Nascimento e Oliveira, 2020; Boal, (2009).

### **A Terapia Comunitária como Estratégia de Ajuda e Suporte Mútuos**

A Terapia Comunitária, dentre as tipologias de grupo, pode ser caracterizada como grupo de ajuda mútua e suporte mútuo, cujo objetivo é agregar pessoas com problemas comuns e que estejam passando por sofrimento semelhante, proporcionando a troca de experiências e identificação de formas de minimização e/ou superação [Vasconcelos, 2013].

O encontro da Terapia Comunitária começou com exercícios de alongamento para aquecer o corpo. Todas as mulheres se animaram com a prática, mesmo com algumas dificuldades. Logo após, demos continuidade às atividades, propondo a dinâmica das duas verdades e uma mentira, que tinha como propósito desenvolver um momento de descontração além de permitir nos conhecermos um pouco mais. Na sequência, solicitamos que todos fechassem os olhos para respirarem e se concentrarem no momento presente. Na Terapia Comunitária, essa etapa do processo grupal é nomeada de acolhimento, que consiste em promover uma maior integração entre as participantes e o dá um sentido de grupalidade.

Dando continuidade à Terapia Comunitária, passamos para a segunda etapa, a escolha do tema. Explicamos que várias reeducandas poderiam colocar as angústias vivenciadas no momento, e, em seguida, escolheríamos, consensualmente, um tema gerador a ser trabalhado. Para tanto, sugerimos que as participantes expressassem os temas em primeira pessoa, que ficassem em silêncio no momento em que cada uma verbalizava a sua história e, por fim, evitar dar conselhos. Várias mulheres expressaram situações que estavam mobilizando dor naquele momento. Dentre os temas mais recorrentes, entre elas, podemos destacar: saudades dos filhos, abandono de familiares, falta de privacidade,

conflito entre as internas, entre outros. Após o momento de escuta das demandas, sugerimos que as pessoas escolhessem o depoimento/tema que mais chamou a atenção e com o qual se identificaram, para que a pessoa tivesse um espaço maior de fala e o tema fosse aprofundado.

Em comum acordo, na terceira etapa da terapia Comunitária, a contextualização, o grupo optou por aprofundar o tema da interna que trouxe a falta de privacidade, necessidade de ficar sozinha como problema atual. Nesse momento, a reeducanda foi ouvida e narrou a sua história até esgotarem todas as possibilidades de fala. A participante relatou que gostaria muito de se isolar, de ter alguns dias em completo silêncio, sozinha com seus pensamentos.

A partir da narrativa expressa pela participante, sobre a necessidade de estar sozinha, seguimos para a quarta etapa da Terapia Comunitária, denominada problematização ou mote, que consistiu em devolver para o coletivo a temática trabalhada, na perspectiva de identificar se alguém no grupo passou por alguma situação igual ou semelhante e o que fez para minimizar e/ou superar. Das experiências compartilhadas, observamos muitas estratégias para o enfrentamento dos problemas. Contudo, cabe, apenas, a participante que narrou a primeira história, decidir quais recursos estão a seu dispor ou se aplicam a sua realidade.

Para o encerramento da Terapia Comunitária, como forma de darmos uma conotação positiva à temática discutida, realizamos a dinâmica do barbante, com o objetivo de estimular a participação ativa de todas. Desse modo, convidamos cada pessoa a demonstrar algum sentimento, forma de cuidado ou acolhimento com a mulher que teve o seu tema trabalhado no grupo, forma de estimular o estreitamento dos laços entre o grupo.

### **A Tenda do Conto e a Construção de Narrativas sobre Memórias Afetivas**

Para a realização da Tenda do Conto, no encontro anterior, no qual foi realizada a Terapia Comunitária, pedimos que, para a próxima atividade, as mulheres levassem algum objeto que lembrasse alguma memória afetiva. Como dizia Jacqueline Abrantes, idealizadora da Tenda do Conto, “história compartilhada é vento a soprar somente, é voz dentro do silêncio da solidão que se sente, é verde novo na serra, é olho d’água molhando a raiz da gente”.

A Tenda do Conto é constituída por rodas de conversas e construção de narrativas a partir de objetos que trazem alguma memória afetiva para os participantes, portanto, autobiográficos [Félix-Silva et al, 2014]. Fundamenta-se, portanto, na escuta e no acolhimento das histórias e memórias que surgem a partir de um objeto que é significado para cada sujeito.

Na Tenda do Conto, as mulheres foram convidadas a ocupar uma cadeira vazia e contar a sua história-memória. Para estimular, facilitadoras/es utilizam uma frase de Jacqueline Abrantes, “a tenda está posta, a cadeira está vazia, venha nos contar seu conto de dor ou de alegria”. Com esse convite, aos poucos as participantes ocuparam a cadeira, contaram os seus

contos e narraram memórias relacionadas aos objetos que estas aportavam. Dentre os objetos presentes, as reeducandas levaram fotos, cartas, utensílios religiosos, roupinhas de bebê, entre outros. É importante ressaltar que, pelo fato das mulheres não estarem em sua casa família, dispõem de um pequeno repertório de objetos, pois dependem dos familiares para levá-los até o presídio. Além do mais, há uma limitação quanto à tipologia das coisas que são permitidas, por exemplo, objetos pontiagudos, escuros, etc.

Os objetos expostos pelas mulheres revelaram histórias e memórias que não são diferentes das temáticas relatadas na Terapia Comunitária, haja vista que trouxeram memórias afetadas pelas saudades da família, o sentimento de tristeza e indignação pela ausência dos entes queridos, adoção dos filhos, falta de confiança entre o grupo de mulheres privadas de liberdade e lembranças vividas antes do encarceramento.

Na Tenda do Conto com as mulheres, observamos que as histórias foram construídas coletivamente, tal como uma colcha de retalhos, em que cada uma conta o seu conto. São histórias individuais, marcadas pela identidade de cada uma, mas muito próximas das narrativas das outras. Cada vez que uma mulher externalizou a sua memória perante um objeto e as lembranças ali permeadas, mil vezes já contada, produz um novo sentido, aspecto que pode contribuir para um reposicionamento das pessoas.

#### **A Tenda das Artes como Expressão das Potencialidades das Mulheres**

A Tenda das artes é uma ferramenta idealizada pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicologia Comunitária e da Saúde - NUCS. Essa atividade fundamenta-se através da valorização das artes apresentadas pelo grupo, possibilitando um espaço de expressão das potencialidades das mulheres. Como proposta de fechamento do grupo, pois estávamos encerrando o projeto, nesse último encontro, convidamos as mulheres a apresentarem algo que elas gostavam ou que tivesse sido construído pelas suas mãos.

Antes de iniciarmos as apresentações das artes, demos um tempo de 5 min para que aquelas que não conseguiram levar algo, pudessem criar a partir do que tinha disposto na mesa, como papéis e canetas de cores. Após esse tempo, abrimos a tenda com a exposição das produções.

Algumas reeducandas trouxeram artes feitas por sobrinhos, filhos, etc. Outras trouxeram criações próprias, como textinhos e desenhos. Algumas mulheres trouxeram trechos de músicas que se identificavam, poesias, bordados e até artes relacionadas à estética e autocuidado, como o caso de uma reeducanda que relatou que a sua arte era cuidar dos cabelos e unhas. Após cada fala, os objetos eram passados para as mãos de cada participante, para que pudessem vê-los mais próximo.

O presente projeto teve como proposta a implantação de Práticas Integrativas e Complementares (PIC's) de caráter grupal no contexto da penitenciária feminina de Campina Grande, objetivando a recomposição da integralidade e da saúde mental das mulheres encarceradas através da promoção de um espaço de escuta e ressignificação de suas experiências de sofrimento psíquicos vivenciadas em razão do cárcere. Além de possibilitar um espaço de conversação entre as reeducandas para que possam compartilhar suas questões e construir redes de apoio sociais e afetivas. Segundo Valla [2001] dentro de um grupo de apoio no qual os integrantes vivenciam situações parecidas que afetam a saúde e o bem-estar, as pessoas acabam tendo uma troca de vivências que é benéfica para quem ajuda, e também para quem é beneficiado com a vivência compartilhada pelos outros participantes, contribuindo assim para o fortalecimento das redes de apoio.

Torna-se perceptível a importância do projeto dentro do contexto penitenciário, entretanto, infelizmente ainda é muito limitado, tendo em vista que só participaram 10 reeducandas, que representam cerca de 13% das mulheres encarceradas no presídio em questão. A seleção foi feita pela direção do presídio juntamente com a psicóloga, levando em consideração, de forma um tanto quanto superficial, as mulheres que mais "precisavam" de auxílio psicológico. A unidade conta com apenas uma psicóloga que não parece ser insuficiente para a demanda do presídio, fazendo com que seja praticamente impossível ofertar atendimento psicológico para todas as reeducandas que necessitam. Através disso, observa-se a escassez de políticas públicas efetivas que abranjam de forma integral a população carcerária e a garantia do direito à saúde.

Consideramos positivo o impacto do projeto, tanto para a comunidade quanto para o serviço e a universidade. Porém, é um trabalho que requer continuidade, dando importância às questões citadas anteriormente da falta de acolhimento psicológico para todas as reeducandas. Configura-se necessário além da continuidade, a implementação de novos projetos da mesma natureza que abarque a população do presídio como um todo, objetivando a garantia do direito à saúde, considerando que mesmo encarceradas, elas continuam sendo usuárias das Unidades Básicas de Saúde da Família e deveriam ter um acesso mais amplo aos serviços do SUS.

O projeto foi marcado por diversos afetos, pela arte e pela exploração das potencialidades que ali encontravam-se um tanto quanto reprimidas. As PIC'S nos permitem proporcionar esse espaço de escuta, acolhimento e troca, de forma que as pessoas ali inseridas no grupo se sintam à vontade para compartilhar suas questões e de forma natural formam-se as redes de apoio. Por fim, o objetivo geral do projeto foi concluído com êxito, no entanto, ressalta-se que ainda há muitos caminhos a trilhar na promoção da saúde dentro do contexto prisional.

#### **4. Conclusões**

## ***5.Referências***

BARBOSA, M. I. S. O Planejamento Participativo como Instrumento da Psicologia Comunitária- A Experiência de Beberibe-CE. In BRANDÃO, I. R., BOMFIM, Z.A.C. **Os Jardins da Psicologia Comunitária**. (pp. 143-151). Amazon Books, 2015.

BARRETO, Adalberto de Paula *et al.* **Terapia Comunitária Integrativa: Cuidando da saúde mental em tempos de crise**. Recife - PE: Fiocruz-PE, 2020. 17).

Boal, A. (2009). **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond.

FÉLIX-SILVA, Antonio Vladimir et al. **A Tenda do Conto como Prática Integrativa de Cuidado na Atenção Básica**. Natal: Edunp, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Nascimento, M.V.N. do e Oliveira, I.M.F.F. **Práticas Integrativas e Complementares Grupais no Sus e o Diálogo com a Educação Popular**. CRV: Curitiba-PR, 2020.

VASCONCELOS, E. **Manual de ajuda e suporte mútuos em saúde mental: para facilitadores, trabalhadores e profissionais de saúde e saúde mental**. Rio de Janeiro: Escola do Serviço Social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional de Saúde.

## ***Agradecimentos***

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.

<sup>1,2,3,4,5,7,8,9,10</sup> Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

<sup>9</sup> Orientador/a, <Cargo>, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

<sup>10</sup> Coordenador